

**Implantação do Protestantismo no Brasil:  
aspectos sociais e políticos  
Parte I**

**Implantation of Protestantism in Brazil:  
Social and Political Aspects  
Part I**

*Wanderley Pereira da Rosa<sup>1</sup>*

**RESUMO**

O artigo se propõe apresentar a implantação do protestantismo no Brasil sob a ótica das ações sociais e políticas deste movimento religioso. Desejamos apresentar resumidamente o *ethos* protestante: suas potencialidades, acertos e fracassos, especialmente em terras brasileiras. E, dentro desse universo, uma questão específica referente ao papel social e político desse protestantismo. O cerne do artigo é simples e pode ser consubstanciado pela seguinte questão: o protestantismo brasileiro em seu trajeto histórico em nosso país deu alguma contribuição realmente relevante em termos sociais e políticos? Se sim, quais são? E como ocorreram? Se não, o que deu errado? E por quais motivos?

**PALAVRAS-CHAVE**

Protestantismo brasileiro; teologia social e política; ética protestante.

**ABSTRACT**

The article proposes to present the implantation of Protestantism in Brazil from the perspective of the social and political actions of this

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela PUC-RJ, Mestre em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo/RS), é Diretor-Geral da Faculdade Unida de Vitória, professor da Graduação e da Pós-Graduação nas disciplinas de História do Cristianismo e Democracia e Esfera Pública.

religious movement. We wish to present briefly the Protestant ethos: its potentialities, successes and failures, especially in Brazilian lands. And within this universe, a specific question concerning the social and political role of Protestantism. The core of the article is simple and can be substantiated by the following question: Has Brazilian Protestantism in its historical trajectory in our country given any really relevant contribution in social and political terms? If yes, what are they? And how did they happen? If not, what went wrong? And for what reasons?

### **KEYWORDS**

Brazilian Protestantism; Social e Political Theology; Protestant Ethic.

### **Introdução**

A história do protestantismo no Brasil é um reflexo dos grandes movimentos missionários em curso, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, no início do século XIX. Essa obra missionária protestante, por sua vez, foi um desdobramento dos chamados avivamentos ou despertamentos espirituais cujos centros eram o movimento metodista inglês e as várias denominações evangélicas norte-americanas que, sob forte influência desse metodismo, viam na evangelização dos povos a necessária preparação para a segunda vinda de Cristo. Todos esses protestantes, embora militando em denominações diferentes, irmanavam-se nos ideais que marcavam esses movimentos avivamentistas: conversionismo, santidade, separação do mundo, ortodoxia etc.

Cabe ressaltar que, além dessas características, os missionários americanos estavam determinados a levar, juntamente com sua pregação do evangelho, a defesa da cultura e do estilo de vida norte-americano para onde quer que fossem. Para eles, a sociedade estadunidense era a expressão pura e simples de uma nação que se curvava à Palavra de Deus. Por conseguinte, qualquer povo que se rendesse à pregação da Cruz acabaria assimilando seu estilo de vida como uma consequência natural. Nisto constituía o *Destino Manifesto* dos Estados Unidos: a pregação do evangelho a todos os povos segundo a concepção anglo-saxônica do cristianismo.

Este artigo busca mostrar que os missionários e missionárias que vieram para o Brasil procuraram cumprir essa tarefa com afinco. Aqui encontraram condições ideais para a inserção do protestantismo, não obstante os muitos desafios e dificuldades que enfrentaram, dada a hegemonia da Igreja Católica e a resistência desta ao surgimento de qualquer religião concorrente. Analisaremos a instituição das denominações evangélicas no Brasil (destacando anglicanos, luteranos, metodistas, congregacionais e presbiterianos, nesta primeira parte), tendo como foco um aspecto específico desse esforço missionário: a construção de um pensamento político e social que desse sustentação à permanência e expansão dessas novas igrejas em terras brasileiras. Nossa tarefa, portanto, exigirá de nós um trabalho ao mesmo tempo narrativo e hermenêutico dos movimentos socioculturais postos em curso pelos protestantes em nosso país.

## 1. Protestantismo de Imigração

A instituição do protestantismo no Brasil teve como pano de fundo a fuga da família real portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, decorrente das ameaças de invasão a Portugal feitas por Napoleão a Dom João VI, o que de fato se concretizou. O apoio logístico e militar da Inglaterra foi essencial para que a corte portuguesa conseguisse escapar incólume. Naturalmente, o governo inglês não mobilizou sua frota a troco de nada. Já em 1810, com a assinatura do tratado de livre comércio, que garantia a abertura dos portos brasileiros aos navios ingleses, estabelecia-se também, nesse notório documento, a liberdade do exercício de crenças não católicas, ainda que com algumas restrições.<sup>2</sup> Assim, na década de

---

<sup>2</sup> Está registrado no artigo XII do Tratado de Comércio e Navegação o seguinte: “Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, declara, e se obriga no seu próprio nome, e no de seus herdeiros e sucessores, que os vassallos de Sua majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos, ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus, quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, que Sua Alteza Real agora, e para sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro dos seus domínios. Contanto, porém, que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se

1810, começam a chegar os primeiros anglicanos ao Brasil e, em seguida, luteranos alemães, no decurso da política de incentivo para a vinda de imigrantes ao país como substituição da mão de obra escrava, uma vez que já se apresentava no horizonte o inevitável fim da escravidão. Esse protestantismo de primeira hora foi comumente chamado pelos historiadores de “protestantismo de imigração” em função de seu caráter étnico e culturalmente atrelado às suas raízes europeias. O Tratado de 1810 lançou as normas que deveriam reger a vida e a conduta dos acatólicos nos territórios portugueses. A primeira Constituição brasileira, promulgada em 1824, manteve, em linhas gerais, o mesmo *status* para os acatólicos no Brasil.<sup>3</sup>

Boanerges Ribeiro, pastor e historiador do presbiterianismo brasileiro, chama a atenção para as mudanças culturais pelas quais passava o país, bem como para as condições políticas e legais que criaram os requisitos necessários para a inserção do protestantismo no Brasil. O fato é que, ao mesmo tempo em que as agências missionárias americanas enviavam pastores para o Brasil, enviavam-nos também para a Argentina, o Chile e a Colômbia. Ribeiro afirma: “Contudo, na Argentina até hoje não há Igreja Presbiteriana;<sup>4</sup> no Chile e na Colômbia, pequenos grupos presbiterianos heroicamente conseguem sobreviver”. E ele continua: “Ao organizar-se o Sínodo do Brasil, em 1888, havia no País mais

---

assemelhem a casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhes seja permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino. Ademais, estipulou-se que nem os vassallos da Grã-Bretanha, nem quaisquer outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal serão perseguidos, ou inquietados por matérias de consciência, tanto no que concerne às suas pessoas como suas propriedades, enquanto se conduzirem com ordem, decência e moralidade e de modo adequado aos usos do país, e ao seu estabelecimento religioso e político. Porém, se se provar que eles pregam ou declamam publicamente contra a religião católica, ou que eles procuram fazer prosélitas (sic), ou conversões, as pessoas que assim delinqüirem poderão, manifestando-se o seu delito, ser mandadas sair do país, em que a ofensa tiver sido cometida. [...]” In: REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003, p. 47-48.

<sup>3</sup> Em seu artigo 5.º essa Constituição proclamava: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, em forma alguma exterior de templo.” In: REILY, 2003, p. 48.

<sup>4</sup> O texto é de 1973.

pastores e mais igrejas presbiterianas que os pastores e igrejas atualmente integrando os sínodos do Chile e da Colômbia.”<sup>5</sup> Esse autor entende que o regalismo imperial, que garantia o domínio do governo sobre a Igreja, afiançou as condições de que os missionários protestantes precisavam para aqui se estabelecerem. Ribeiro conclui:

Mas os imigrantes protestantes que aqui se estabeleceram a partir de 1824, encontraram um Governo tolerante e regalista, que lhes assegurou a liberdade de culto, subvencionou seus pastores, evitou muitas vezes a desagregação da fé evangélica, providenciando pastores para comunidades protestantes.<sup>6</sup>

Assim, em 23 de maio de 1822, os anglicanos ergueram o primeiro templo protestante, em tempos modernos, no Brasil<sup>7</sup>. Para o dia da inauguração, José Bonifácio de Andrada e Silva, temeroso da reação da população, ordenou ao intendente-geral da polícia que enviasse para os arredores desse templo “patrulhas rondantes” que assegurassem o sossego público. Duncan Reily, no entanto, nos lembra de que posteriormente o prédio foi apedrejado e teve suas janelas quebradas por um comerciante espanhol das redondezas<sup>8</sup>.

No influxo dessa mesma política de incentivo de imigração de agricultores europeus levada avante com afincos por d. Pedro I, chegou ao Brasil em 1824 o primeiro grupo de alemães, que se abrigou numa colônia suíça fundada em 1820 em Nova Friburgo, por iniciativa de d. João VI. Esse grupo veio acompanhado de seu pastor, Friedrich Oswald Sauerbronn (1784-1864), e ali fundou a primeira comunidade luterana do Brasil<sup>9</sup>. Tanto esses luteranos quanto os anglicanos mantiveram-se ligados às suas raízes nacionais, praticando seus cultos na língua pátria e vivendo à margem da cultura brasileira. O fato é que “muitos

<sup>5</sup> RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888)* – aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973, p. 21.

<sup>6</sup> RIBEIRO, 1973, p. 47.

<sup>7</sup> Não devemos nos esquecer de que, durante o domínio holandês no nordeste brasileiro, de 1630 a 1654, ministros calvinistas fundaram diversas paróquias reformadas, sobretudo nos estados de Pernambuco e Paraíba.

<sup>8</sup> Cf. REILY, 2003, nota 63 da Parte I, p. 400.

<sup>9</sup> Cf. REILY, 2003, p. 58.

entenderam que a manutenção do idioma era essencial à conservação da fé evangélica.”<sup>10</sup>

No caso dos alemães, essa preocupação com a manutenção da germanidade pode ser conferida nas palavras do pastor Wilhelm Rotermond, responsável pela organização do Sínodo Luterano Rio-Grandense em 1886:

Até agora elas [as igrejas luteranas] mostraram-se como as mais fiéis e mais solícitas protetoras e tutoras da língua, dos costumes, da vida e do espírito alemão... A pregação alemã, a instituição diligente dos confirmados e sobretudo a escola, que tem sido uma companheira inseparável da Igreja Evangélica desde o nascimento dela e que está sendo protegida e favorecida pela Igreja, garantem às comunidades alemãs a existência da germanidade por muitos anos...<sup>11</sup>

Não obstante esse rigoroso compromisso com a religião e a cultura da pátria mãe, esse mesmo Sínodo, no ano seguinte à sua fundação, fez um protesto por escrito aos governantes da nação, denunciando os dois pesos e as duas medidas com que o povo brasileiro era tratado, uma vez que ainda vigorava o artigo 5.º da Constituição de 1824. Em defesa da liberdade religiosa o documento afirmava que “contrasta com o espírito do nosso século, que uma certa religião seja privilegiada e as outras só toleradas com a condição de que o culto destas não se celebre em público.”<sup>12</sup>

A história da imigração de protestantes para o Brasil é bastante vasta e a fundação de comunidades religiosas entre esses imigrantes foi profícua. Além de ingleses e alemães, vieram também muitos suíços, franceses e suecos luteranos ou reformados. Boanerges Ribeiro afirma que, entre 1824 e 1874, foram organizadas cerca de 40 igrejas evangélicas “de colônia.”<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> REILY, 2003, p. 58.

<sup>11</sup> REILY, 2003, p. 70.

<sup>12</sup> REILY, 2003, p. 73.

<sup>13</sup> RIBEIRO, 1973, p. 81.

## 2. Protestantismo de Missão

### 2.1. Os Metodistas

Em 1836, o pastor metodista Justus Spaulding organizou no Rio de Janeiro uma igreja com 40 membros, todos estrangeiros<sup>14</sup>. Com a inauguração do trabalho metodista, começam a chegar ao nosso país os protestantes de matriz puritano-pietista, na esteira dos grandes avivamentos norte-americanos. Estes receberam dos historiadores a alcunha de “protestantismo de missão” em função, obviamente, de suas declaradas intenções proselitistas, em que pesem as restrições impostas pela Constituição em vigor. A chegada desses protestantes ao Brasil coincide com um período na história brasileira em que boa parte da classe política e da elite intelectual ansiava por um país moderno, respirando os ventos que sopravam dos Estados Unidos da América, que já haviam conquistado a independência (1776), e também da Europa, mormente da França revolucionária (1789). Ora, os protestantes eram aqueles situados na vanguarda desses movimentos liberais – sobretudo, nos Estados Unidos – que, do ponto de vista político, social e econômico, eram considerados por essas classes o que havia de mais avançado para a época. Assim, os primeiros missionários evangélicos receberam um explícito apoio de muitos políticos e intelectuais brasileiros que, acrescente-se, se irmanavam também nas lojas maçônicas.

Por essa época, a liberdade que havia para a distribuição de bíblias constituiu-se em uma importante estratégia de inserção dos protestantes no Brasil. Assim, um excelente reforço ao trabalho metodista de Justus Spaulding se deu com a chegada, no ano seguinte, de Daniel Parish Kidder, resoluto distribuidor de bíblias em vastas regiões do território nacional. Kidder escreveu *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*<sup>15</sup> retratando suas impressões acerca do povo brasileiro, de sua cultura

<sup>14</sup> Cf. MENDONÇA, Antônio G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pendão Real e ASTE, 1995, p. 28.

<sup>15</sup> KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* – Rio de Janeiro e Província de São Paulo. Brasília: Senado Federal, 2001; KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

e religiosidade. Essa obra foi uma importante peça de propaganda entre as agências missionárias norte-americanas que, a partir dela, passaram a se interessar por este país. A comunidade fundada por Spaulding encerrou suas atividades em 1842. Uma nova igreja metodista foi fundada pelo pastor Junius Eastham Newman somente em 1871, em Santa Bárbara (SP), entre imigrantes americanos que vieram para cá em decorrência da derrota na Guerra de Secessão ocorrida naquele país. Também em 1876 uma terceira comunidade metodista foi fundada no Rio de Janeiro pelo reverendo John James Ramson<sup>16</sup>.

A respeito do trabalho dos metodistas, é digna de nota a fundação, em 1881, de um colégio para meninas pela missionária americana Marta Watts, em Piracicaba (SP). Esse colégio, que mais tarde admitiu também homens, foi o embrião que deu origem, cerca de um século depois, à Universidade Metodista de Piracicaba (1975). Duncan Reily registra um documento com informações sobre o primeiro aniversário do colégio piracicabano:

Hoje é o aniversário da escola feminina deste lugar, sob a direção de miss [Marta] Watts e miss [Mary] Newmann – aberta no ano passado com uma aluna [Mary Escobar], número que não aumentou durante o primeiro trimestre. Era quase ridículo ver quatro professores reunindo-se diariamente com uma única aluna, o que despertou a curiosidade dos brasileiros para perguntar o que “aqueles americanos” faziam, e frequentemente nos indagar se estávamos desanimados. Respondíamos que NÃO... Hoje a escola conta com trinta alunas. A necessidade premente é de um prédio grande e adequado. Esperamos que o prédio do Colégio logo esteja pronto para ser ocupado.<sup>17</sup>

Também é significativo que essa missionária sulista tenha comprado a escrava Flora Maria Blumer de Toledo apenas para, em seguida, dar-lhe a carta de alforria e empregá-la como cozinheira no colégio<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> Cf. MENDONÇA, 1995, p. 29.

<sup>17</sup> REILY, 2003, p. 109.

<sup>18</sup> Cf. REILY, 2003, p. 110.

## 2.2. James Cooley Fletcher

Outro importante trabalho de ‘preparação do terreno’ para o lançamento das primeiras sementes protestantes no Brasil foi feito pelo missionário presbiteriano James Cooley Fletcher. Misto de pastor, capelão, vendedor de bíblias, diplomata e explorador, Fletcher foi um dedicado estudioso das ciências naturais, tendo feito, a pedido do renomado ictiologista suíço Louis Agassiz, incursões ao Amazonas, recolhendo espécimes de peixes locais e enviando o resultado de suas explorações para esse famoso naturalista. Em decorrência disso, o professor Agassiz liderou uma importante expedição científica ao Brasil. Fletcher também ampliou a obra anterior escrita por Daniel Kidder, com consentimento deste, sob o título de *O Brasil e os Brasileiros – esboço histórico e descritivo*, publicada em português somente em 1941 pela Companhia Editora Nacional, tendo servido como importante instrumento de divulgação da sociedade brasileira para os americanos. Esse ministro calvinista desejava ardentemente converter o Império ao protestantismo e ao “progresso”, como nos informa David Gueiros Vieira. “Para ele, o protestantismo equalizava-se ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico.”<sup>19</sup> Seu método missionário era criticado por seus colegas, pois, para ele, “religião e comércio são servos que, unidos com a bênção de Deus, servem para a promoção dos interesses mais nobres e mais altos da humanidade.”<sup>20</sup> Convicto de seus ideais, esteve ativamente envolvido em intermediações entre brasileiros e americanos que objetivavam parcerias comerciais. Promoveu, em 1855, uma exposição no Rio de Janeiro de artigos industriais norte-americanos. O próprio d. Pedro II compareceu com grande comitiva e, a partir daí, manteve estreita relação com esse pastor americano pelas duas décadas seguintes<sup>21</sup>. Esse injustamente

<sup>19</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa*. Brasília: Editora UNB, 1980, p. 63.

<sup>20</sup> VIEIRA, 1980, p. 65.

<sup>21</sup> Cf. VIEIRA, 1980, p. 71, 72. David Gueiros, tendo feito minuciosa pesquisa de fontes primárias, informa que Fletcher, ocupando o cargo de primeiro-secretário da Legação Americana no Brasil, tornou-se um animado propagandista das coisas do Brasil nos Estados Unidos. Suas informações simpáticas ao nosso país e aos brasileiros chegaram mesmo à Europa e à Índia. Em decorrência disso, sociedades antiescravagistas da

esquecido pioneiro do protestantismo brasileiro<sup>22</sup> encarnou por excelência o ideal do protestante liberal, partidário do livre comércio, amante das ciências, entusiasta do progresso, defensor da democracia. Cumpre observar que seu ideal de missão transparece o pano de fundo evangélico próprio do século XIX nos Estados Unidos: a pregação a todas as nações do evangelho de Cristo e da cultura e da sociedade americanas como os dois lados da mesma moeda. Essa era a construção teórica expressa pela ideologia do *Destino Manifesto*. Fletcher estava convencido de que o progresso norte-americano era fruto da religião protestante e que, vindo essa religião para o Brasil, os brasileiros experimentariam o mesmo progresso<sup>23</sup>.

---

Inglaterra escreveram ao Imperador, motivando-o a dar cabo da escravidão no Brasil. Essa carta recebeu resposta do próprio D. Pedro II e deu novo alento aos abolicionistas brasileiros. Fletcher também se esforçou para defender o Brasil em relação à Guerra do Paraguai. Tendo escrito vários artigos para jornais americanos, ajudou a mudar a opinião daquele país, que, inicialmente, era desfavorável ao Brasil.

<sup>22</sup> Por exemplo, o professor Émile-Guillaume Léonard, em seu *O Protestantismo Brasileiro*, considerado o mais importante estudo sobre esse assunto, à época de sua publicação (1951-1952), refere-se a James Cooley Fletcher apenas como um “colaborador de Kidder”. LÉONARD, E. G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002, ver nota na página 32. Domingos Ribeiro nem sequer o mencionou. RIBEIRO, Domingos. *Origens do Evangelismo Brasileiro* (escorço histórico). Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Apolo, 1937. Vicente Themudo Lessa cita-o de passagem. LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863-1903]* – subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010, p. 18-19. David Gueiros propõe que o responsável por esse desprestígio de J. C. Fletcher seria o missionário presbiteriano Alexander Latimer Blackford, contemporâneo de Fletcher no Brasil, que escreveu a primeira história do movimento missionário no Brasil e cita-o apenas como colaborador de Kidder na produção de *O Brasil e os Brasileiros*. Parece que ele foi seguido pelos demais historiadores. Isso seria reflexo da rejeição de seus métodos pelos seus colegas missionários focados numa evangelização mais direta. VIEIRA, 1980, p. 68.

<sup>23</sup> As ações de Fletcher no Brasil, além daquelas já apontadas, incluíram a defesa de modelos pedagógicos novos e textos escolares americanos para as escolas brasileiras; participou da fundação da Sociedade de Imigração Internacional no Rio de Janeiro, visando a facilitar a imigração de confederados americanos a partir de 1865; uniu esforços em defesa da plena liberdade religiosa para os não católicos; contribuiu para a agricultura, trazendo consigo, em uma das muitas viagens que fizera, o inventor de uma máquina de despolpar café que foi bastante utilizada por cafeicultores brasileiros; e, em 1862, o Instituto Histórico e Geográfico o nomeou membro correspondente. “[...] sua missão real e propósito declarado era ‘protestantizar’ o Brasil, no sentido lato religioso, social, econômico e cultural vinculado àquele termo”. VIEIRA, 1980, p. 74. Cf. também p. 75-82.

Como já apontado, políticos e intelectuais liberais brasileiros tiveram um papel relevante na inserção do protestantismo no Brasil. Merece destaque o deputado Aureliano Cândido Tavares Bastos, notadamente o mais importante amigo brasileiro de J. C. Fletcher. Mente brilhante, espírito livre, anticlerical, profundo admirador dos Estados Unidos, Tavares Bastos apoiou não apenas esse pastor calvinista, mas diversos outros missionários protestantes que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, como o médico escocês Robert Reid Kalley e o pastor presbiteriano americano Ashbell Green Simonton.

Em 1861, Tavares Bastos publicou, sob o pseudônimo de “Um Excêntrico”, um panfleto intitulado “Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro”, no qual expôs suas ideias liberais políticas e sociais. Nele, atacou a herança portuguesa, responsável pelo atraso do país, a escravidão e o fechamento dos portos, fontes da mais profunda corrupção que assolava a vida nacional. Defendia uma reforma no sistema educacional, o estabelecimento de um governo nos moldes anglo-saxões, a abertura do Rio Amazonas ao comércio mundial (uma das suas bandeiras mais queridas) e o incentivo à imigração. Afirmava ele: “Esse governo, [...] faria promulgar-se a abertura do Amazonas ao comércio do mundo, à imigração superabundante dos Estados Unidos, aos irlandeses, aos alemães, aos suíços...”.<sup>24</sup> Nesse mesmo ano, publicou uma série de cartas no Correio Mercantil sob o pseudônimo de “O Solitário”. A leitura desses seus escritos torna patente que ele já conhecia a obra *O Brasil e os Brasileiros* de Kidder e Fletcher, cuja segunda edição aparecera em 1859 (versão em inglês). Neles, ele volta ao tema da reforma educacional, defendendo uma educação pragmática que gerasse mão de obra qualificada para o país. Mais uma vez inspirado pelo modelo americano, defendia uma escola primária que atentasse “às ciências positivas, à física, à química, à mecânica, às matemáticas e depois à economia política. Estes são os alimentos substanciais do espírito do povo no grande século em que vivemos”. E ele continua lamentando: “Em vez disto, porém, as províncias subvencionam alguns mestres de latim, de retórica e poesia,

<sup>24</sup> TAVARES BASTOS, A. C. *Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro* – estudos brasileiros. São Paulo, Rio, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939, p. 50.

matérias cuja utilidade prática ainda não pude descobrir [...].”<sup>25</sup> Em seus artigos, mais uma vez defendeu a liberdade de religião e a neutralidade do Estado. “Lamenta-se que o meu ideal de liberdade seja o ateísmo de Estado”, e continua, “[...] se não se pode impor à nacionalidade uma crença única, pode-se permitir que o seu mandatário sustente uma religião privilegiada? Eu torno a lembrar a minha tese: liberdade para todos e privilégio para ninguém.”<sup>26</sup> Naturalmente, as ideias de Tavares Bastos foram celebradas com entusiasmo pelos missionários protestantes e liberais brasileiros.

Assim como Fletcher, ele estava convencido de que o espírito livre da Reforma Protestante era o grande responsável pelo progresso dos Estados Unidos. Não nos interessa, nessa altura da pesquisa, discutir a veracidade ou não dessas ideias. Cabe aqui apenas apontar para aquilo que motivava esses homens e em que acreditavam. Por isso, Tavares Bastos defendia “...abrir francamente as portas do império ao estrangeiro, colocar o Brasil no mais estreito contato com as raças viris do Norte do Globo, [...] promover a imigração germânica, inglesa e irlandesa, e promulgar leis para mais plena liberdade religiosa e industrial.”<sup>27</sup>

Preocupou-se em defender o casamento civil em benefício dos não católicos, sobretudo, protestantes: “A imigração que não for católica não encontra no Brasil garantias aos seus contratos matrimoniais, e para os direitos que deles derivem os seus filhos.”<sup>28</sup> Sua defesa do reconhecimento da legalidade dos matrimônios civis não católicos e da liberdade de culto vincula-se sempre ao desejo de ver o Brasil inundado de imigrantes protestantes, como poderá ser verificado nas duas obras supracitadas.

### 2.3. Os Congregacionais

Embora tenham sido os metodistas os primeiros protestantes com objetivos missionários a chegar ao Brasil, em função do fechamento prematuro de sua igreja pioneira, coube ao médico e pastor escocês Robert

<sup>25</sup> TAVARES BASTOS, A. C. *Cartas do Solitário*. São Paulo/Rio de Janeiro/Recife/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938, p. 65.

<sup>26</sup> TAVARES BASTOS, 1938, p. 111-112.

<sup>27</sup> TAVARES BASTOS apud VIEIRA, 1980, p. 103.

<sup>28</sup> TAVARES BASTOS, 1939, p. 113.

Reid Kalley a fundação da primeira “igreja de missão”, que permanece até os dias atuais. Deve-se destacar também que foi a primeira em língua portuguesa – Kalley morou na Ilha da Madeira antes de vir para o Brasil e já falava o português. Tendo chegado ao Brasil em 1855, juntamente com sua esposa, Sarah Poulton Kalley, esse missionário voluntário<sup>29</sup> organizou, em 11 de julho de 1858, a Igreja Evangélica – mais tarde chamada por ele de *Fluminense* – no Rio de Janeiro. Nesse mesmo dia, batizou o primeiro brasileiro em tempos modernos a tornar-se evangélico, Pedro Nolasco de Andrade<sup>30</sup>. Essa igreja é a origem da Igreja Congregacional no Brasil. Esse casal contribuiu com todas as denominações protestantes que se firmaram no Brasil na segunda metade do século XIX, com a publicação do primeiro hinário evangélico em português, o *Salmos e Hinos*<sup>31</sup>, de viés fortemente pietista. Diversas denominações evangélicas o utilizam ainda hoje, inclusive os grupos pentecostais, cujos hinários são nele inspirados.

Kalley e sua esposa haviam sofrido grave perseguição religiosa na Ilha da Madeira, motivo pelo qual se mudaram para o Brasil, após breve residência nos Estados Unidos. Em seu *An Account of the Recent Persecutions in Madeira, in a letter to a friend* ele registrou suas experiências em Portugal: “Não preciso lembrá-lo da maneira arbitrária pela qual as autoridades daqui me ordenaram a desistir da prática de certos atos religiosos em minha própria casa”. E ele continua: “Nem das medidas inconstitucionais e ilegais adotadas contra mim pelo governo português. Você já está consciente disso, bem como da minha prisão (tradução própria).”<sup>32</sup> Sobre esse aprisionamento, um de seus principais biógrafos registrou que as autoridades civis e eclesiásticas se esforçaram sobremaneira para encontrar uma brecha legal que as autorizasse a prendê-lo. A questão é que havia um tratado entre a Inglaterra e Portugal que garantia liberdade religiosa para os cidadãos ingleses na Ilha da Madeira. O esforço rendeu frutos,

<sup>29</sup> O Dr. Kalley era pastor ordenado pela Igreja Livre da Escócia, mas seu trabalho missionário era feito por conta própria, sem auxílio de sua denominação. KALLEY, Robert Reid. *An Account of the Recent Persecutions in Madeira, in a letter to a friend*. London: John F. Shaw, 1844, p. 52.

<sup>30</sup> Cf. REILY, 2003, p. 114-115.

<sup>31</sup> Cf. MENDONÇA, 1995, p. 29.

<sup>32</sup> KALLEY, 1844, p. 2.

pois as autoridades terminaram por encontrar uma lei em antigos códigos promulgados pela Inquisição portuguesa de 1603. Com base nisso, o “Dr. Kalley foi preso, julgado e condenado à prisão.”<sup>33</sup>

Na verdade, os acontecimentos que cercaram sua passagem pela Ilha da Madeira foram gravíssimos e a perseguição, deveras atroz. Ele descreve diversos casos envolvendo os portugueses calvinistas, seus seguidores. Assim, ele registrou que “alguns foram apedrejados – alguns severamente espancados com paus em via pública, diante de muitas testemunhas – casas foram arrombadas de noite, e os presos cruelmente espancados, por motivo de religião...”<sup>34</sup>

O Dr. Kalley enfrentou oposição também das autoridades brasileiras ao seu trabalho. Ele foi bastante cauteloso em suas ações, dadas as experiências anteriores nas terras portuguesas. Em 1859, ele recebeu de um representante da Legação Britânica uma carta pedindo esclarecimentos diante de denúncia feita pelo subdelegado de Petrópolis. Foi nessa cidade que o médico escocês iniciou seu primeiro trabalho, a fundação de uma escola dominical, em 1855. Assim dizia a carta:

E, visto que o Sr. Paranhos, informando que a Tolerância Religiosa garantida pela Constituição Brasileira não é tão plena que admita a propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado, me pede que vos aconselhe a retirar-vos de Petrópolis, ou a desistir dos atos acima atribuídos a vós – fazei-me o obséquio de mandar: em primeiro lugar, quaisquer esclarecimentos que queirais oferecer a Sua Excelência, em justificação de vossa conduta; e de declarar-me se desejais evitar no futuro atentar a conversão de católicos romanos à fé protestante, durante a vossa residência em Petrópolis. Também me será de proveito saber até que ponto o Sr. Paranhos está corretamente informado sobre as alegadas expulsões da Trindade e Madeira.<sup>35</sup>

Isso o levou a buscar fundamentação jurídica para a defesa da tolerância e liberdade religiosas em nosso país. Em sua resposta, embasada

<sup>33</sup> NORTON, Herman. *Record of Facts Concerning the Persecutions at Madeira in 1843 and 1846*. New York: American and Foreign Christian Union, 1857, p. 51-52.

<sup>34</sup> KALLEY, 1844, p. 6-7.

<sup>35</sup> REILY, 2003, p. 117.

nos pareceres jurídicos recebidos<sup>36</sup>, ele reafirmou sua boa conduta e que a exercia dentro dos limites da lei. E termina dizendo que, se fosse impedido de continuar com seu trabalho evangélico, sentir-se-ia no direito de escrever aos países donde o Brasil aguardava novos colonos para que os cidadãos daquelas nações soubessem das limitações que havia aqui à liberdade de fé e consciência<sup>37</sup>. Diante dos sucessivos cerceamentos sofridos por Kalley, é notório que o próprio imperador d. Pedro II interveio na situação. A 28 de fevereiro de 1860, d. Pedro apareceu na casa dos Kalley em Petrópolis sem avisar. Estando enfermo e acamado, o médico escocês não pôde recebê-lo, enviando desculpas dias depois. Em seguida o imperador retornou para uma visita cujo propósito seria ouvir de Kalley relatos sobre sua viagem à Terra Santa. Ao final, combinou-se que uma reunião com vários convidados da corte aconteceria na residência de veraneio do imperador em Petrópolis, para uma conferência com o Dr. Kalley sobre a Palestina. Essa iniciativa de d. Pedro II fez com que o casal Kalley passasse a ser visto com outros olhos pela nobreza do império e eles passaram a receber diversos visitantes ilustres em sua residência<sup>38</sup>. Mesmo assim, vários incidentes e casos de perseguição contra o Dr. Kalley e seus amigos portugueses foram registrados entre 1860 e 1864, tendo o casal escocês enfrentado risco de morte em algumas ocasiões<sup>39</sup>. Também merece destaque o fato de o Dr. Kalley ter se pronunciado contra a escravidão, chegando ao ponto de excluir um membro da igreja, senhor de escravos<sup>40</sup>.

<sup>36</sup> Os três renomados juristas consultados por ele foram: Caetano Alberto Soares, José Tomaz Nabuco de Araújo e Urbano Sabino Pessoa de Melo. Para eles, Kalley enviou onze perguntas. As respostas recebidas tiveram grande peso, daí por diante, nos debates em torno da liberdade de culto no Brasil.

<sup>37</sup> Cf. REILY, 2003, p. 119.

<sup>38</sup> Cf. VIEIRA, 1980, p. 121.

<sup>39</sup> Cf. VIEIRA, 1980, p. 124-128.

<sup>40</sup> “Cada um tem de dar contas ao Altíssimo Juiz do que pratica, quando obriga um seu semelhante a trabalhar, *contra a vontade e sem salários e sob ameaças de castigo e sofrimentos diversos*, para produzir em seu favor (do senhor, que o maltrata injustamente) bons serviços e excelentes lucros! Isto é um ROUBO VIOLENTO dos dons que o Criador concedeu ao pobre estrangeiro, *que não é uma criatura diferente do senhor que o comprou!* [...] O senhor que procede desse modo é *inimigo de Cristo*: não pode ser membro da igreja de Jesus, daquele Jesus que nos resgatou da maldição...”. REILY, 2003, p. 122.

Na virada do século, as igrejas congregacionais, filhas da igreja fluminense, tinham presença considerável no Rio de Janeiro. Um dos mais importantes cronistas cariocas da época, Paulo Barreto, escrevendo sob o pseudônimo João do Rio, publicou na *Gazeta de Notícias* reportagens intituladas *As Religiões do Rio*, mais tarde transformadas em livro. Dois capítulos foram dedicados aos evangélicos. Sua narrativa nos informa que, certo dia, caminhava ele com o vereador e pastor congregacional Antônio Marques, que fazia breve explanação da história dessa igreja no Rio e suas principais crenças. Marques cita outro pastor congregacional, também vereador em Niterói, Leônidas da Silva. Rumavam eles para a velha igreja fluminense. Marques informa que era pastor Manuel Gonçalves dos Santos o substituto de Kalley. Entraram no templo e João do Rio expressa toda a sua admiração pelo culto que transcorria com a celebração da Ceia. Ao final, foi apresentado ao velho pastor e com ele manteve animado diálogo. O pastor discorreu sobre a superioridade da igreja evangélica e encerrou: “Havemos de ter muito brevemente na representação nacional um deputado evangelista”. João do Rio, um positivista por formação, se surpreende e conclui:

Apertei a mão do mais antigo ministro evangélico do Brasil. Diante dos esforços que me contara Antônio Marques, a minha alma se extasiara; durante a comunhão, vendo o grave grupo beber o sangue de Jesus, eu sentira o bálsamo do sonho. Mas, enquanto meus olhos olhavam com inveja o outro lado da vida, a margem diamantina da Crença, o pastor sonhava com o domínio temporal e a Câmara dos Deputados.<sup>41</sup>

#### 2.4. Os Presbiterianos

A 12 de agosto de 1859 chegou ao Rio de Janeiro o jovem missionário americano presbiteriano, formado no Seminário Teológico de Princeton, Ashbel Green Simonton. O Seminário de Princeton era, por aqueles dias, o principal celeiro do conservadorismo teológico protestante, capitaneado pelo ilustre professor de teologia sistemática Charles Hodge.

<sup>41</sup> RIO, João do. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 140.

Cerca de dois anos e meio depois, em 12 de janeiro de 1862, Simonton fundava a primeira igreja presbiteriana do Brasil no Rio. Nesse período, ele já era auxiliado pelo cunhado Alexander Latimer Blackford e pela irmã Elizabeth Wiggins Simonton. O trabalho desses pioneiros foi bastante profícuo. Além da igreja no Rio, eles fundaram o primeiro jornal em 1864, a *Imprensa Evangélica*; outras duas igrejas, em São Paulo e em Brotas, em 1865; o primeiro presbitério, nesse mesmo ano, reunindo as três igrejas fundadas; e o primeiro seminário, o Seminário do Rio, em 1867, de curta duração, fechado três anos depois<sup>42</sup>.

Em Rio Claro, interior de São Paulo, Blackford teve o primeiro contato com o padre José Manoel da Conceição<sup>43</sup>. Conceição era conhecido nas cidades do interior nas quais foi pároco como o “padre protestante”, em função de suas ideias e pregações. Erudito, o padre Conceição traduzira do alemão, a pedido dos editores protestantes do Rio de Janeiro, os irmãos Laemmert, a *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento*<sup>44</sup> e com eles manteve contato frequente. A leitura da Bíblia em sua juventude e a relação que mantivera com protestantes ingleses e alemães que trabalhavam na fábrica de ferro de Ipanema, em Sorocaba, provocaram nele profundo impacto<sup>45</sup>.

Após vários encontros com o missionário americano, Elizabeth, a esposa de Blackford, convidou o padre Conceição a tornar-se protestante<sup>46</sup>. Seguiu-se um período de lutas pessoais e muito estudo. Finalmente, José Manoel da Conceição rumou, juntamente com Blackford, para o Rio de Janeiro. Numa igreja presbiteriana do Rio repleta, pregou pela

<sup>42</sup> Cf. FERREIRA, Júlio Andrade. *Galeria Evangélica* – biografia de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952, p. 14.

<sup>43</sup> A importância de José Manoel da Conceição é destacada por Émile Léonard: “O homem que abriria ao protestantismo o interior do Brasil – conquistando não apenas indivíduos isolados, mas famílias extensas e sólidas – assegurando assim, seu estabelecimento, foi um padre.” LÉONARD, 2002, p. 63.

<sup>44</sup> Cf. MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900)*: missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 298.

<sup>45</sup> Cf. FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* – em comemoração ao seu primeiro centenário. Volume I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959, p. 30-31. Cf. também RIBEIRO, 1973, p. 142.

<sup>46</sup> Cf. RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante*. São Paulo: casa Editora Presbiteriana, 1979, p. 107.

primeira vez em 9 de outubro de 1864. No dia 23 do mesmo mês foi batizado pelo reverendo Blackford e fez sua pública profissão de fé protestante<sup>47</sup>. O agora ex-padre José Manoel da Conceição foi ordenado em 17 de dezembro de 1865, por ocasião da formação do presbitério do Rio de Janeiro, em cerimônia ocorrida na igreja de São Paulo. Foi o primeiro brasileiro a tornar-se pastor protestante<sup>48</sup>.

Mesmo após o batismo protestante e a ordenação pastoral, Conceição cultivava um sentimento de culpa por ter sido padre. Além disso, ele não se adaptava aos métodos dos missionários americanos. Suas lutas interiores levaram-no a percorrer, na maioria das vezes a pé, as várias cidades do interior paulista nas quais atuara como padre. Inconscientemente, ele traçava assim o percurso que seria tomado pelos missionários em sua obra de evangelização. A mais importante de todas as igrejas fundadas no interior nesse período foi a da cidade de Brotas. Onze adultos e dezessete crianças da família Gouvêa foram batizadas pelo reverendo Blackford, na presença de Conceição, em 13 de novembro de 1865. Em seguida vieram parentes de Conceição e vários membros da família Cerqueira Leite. Cabe ressaltar que não eram mais conversões de indivíduos, mas de famílias inteiras que davam, assim, consistência às igrejas fundadas. Comunidades no interior com famílias numerosas, eis o caminho que deu solidez à inserção do protestantismo no Brasil. A par disso, Émile Léonard faz a seguinte análise:

Não é nas grandes cidades, entretanto, que se pode exigir, de início, a conversão de classes sociais importantes, homogêneas, que se bastem a si próprias e sejam, portanto, duráveis – condição sem a qual uma nova religião não pode se estabelecer realmente em um país.<sup>49</sup>

Esses missionários presbiterianos também se destacaram na obra educacional. Ainda no século XIX, dezenas de outros missionários e, sobretudo, missionárias enviadas pelas igrejas presbiterianas do norte

<sup>47</sup> Cf. MATOS, 2004, p. 299.

<sup>48</sup> Cf. RIBEIRO, 1979, p. 138-141.

<sup>49</sup> LÉONARD, 2002, p. 62.

(PCUSA) e do sul (PCUS),<sup>50</sup> fundaram literalmente dezenas de escolas em várias regiões do país, com destaque para a Escola Americana em São Paulo, fundada pelo missionário George W. Chamberlain e sua esposa, Mary Ann A. Chamberlain, em 1870, para dar aulas às meninas que, em função da intolerância religiosa, não podiam estudar nas escolas públicas<sup>51</sup>. Essa escola é o embrião da atual Universidade Presbiteriana Mackenzie<sup>52</sup> e também do Colégio Internacional de Campinas, que hoje sedia o Seminário Presbiteriano de Campinas.

Os presbiterianos também tiveram que enfrentar a resistência do clero ultramontano e de autoridades civis. Simonton mantivera contato com o cônsul dos Estados Unidos para “examinar a questão da liberdade religiosa no Brasil”, recebendo deste a promessa de que “protegeria qualquer cidadão americano no exercício de sua liberdade religiosa.”<sup>53</sup> Blackford tornou-se amigo do deputado Tavares Bastos, de quem obteve apoio político e proteção para suas incursões no interior de São Paulo. A ação política visando à liberdade de culto e consciência foi uma ferramenta utilizada também pela igreja em Brotas, onde, “desde 1866 um Cerqueira Leite debatia-se sozinho, na Câmara Municipal, contra o projeto de interdição das reuniões protestantes.”<sup>54</sup>

Cabe ainda ressaltar que o protestantismo em geral e o presbiterianismo em particular exerceram notável atração sobre vários políticos e intelectuais: o famoso cientista Vital Brasil, membro da Igreja Presbiteriana de

<sup>50</sup> Uma das consequências da Guerra Civil Americana foi a divisão das igrejas. No caso da igreja presbiteriana, a divisão originou a igreja presbiteriana do norte (PCUSA) e a igreja presbiteriana do sul (PCUS). Dez anos após a chegada de Simonton ao Rio de Janeiro, a PCUS enviou dois missionários para o Brasil (1869), em vista da vinda de imigrantes sulistas que vieram para cá em função do fato de o Brasil ainda ser um país escravagista. Os missionários Edward Lane e George N. Morton estabeleceram-se em Campinas por causa de sua proximidade de Santa Bárbara (hoje Santa Bárbara d'Oeste e Americana), a principal residência dos imigrantes. As duas missões acabaram por se unir para formar o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 6 de setembro de 1888, o que possibilitou a autonomia do presbiterianismo nacional em relação às suas origens americanas. (Cf. MATOS, 2004, p. 14-16. Cf. também REILY, 2003, p. 130).

<sup>51</sup> Cf. LESSA, 2010, p. 387.

<sup>52</sup> MATOS, 2004, p. 49.

<sup>53</sup> VIEIRA, 1980, p. 137.

<sup>54</sup> LÉONARD, 2002, p. 67.

São Paulo; o poeta A. J. dos Santos Neves, que clamava, em alguns poemas, pela completa abolição da escravatura e que, como funcionário do Senado, aproximou-se “dos liberais que lutavam pela liberdade de culto e pelo casamento civil”; o grande romancista Júlio César Ribeiro Vaughan, escritor de *A Carne*, também membro da igreja em São Paulo, que se inspirou em parte na vida de José Manoel da Conceição para escrever seu primeiro romance, *Padre Belchior de Pontes*. Júlio Ribeiro traduziu obras e hinos protestantes e também escreveu alguns hinos. Foi um dos colaboradores de *a Imprensa Evangélica*, juntamente com Conceição, Santo Neves e Miguel Vieira Ferreira. Mais tarde a perda de sua esposa e filho, e desentendimentos com os missionários o fizeram abandonar a religião e, pelo que consta, tornou-se materialista e ateu;<sup>55</sup> Miguel Vieira Ferreira, engenheiro e ex-oficial, membro de uma aristocrática família do Maranhão. Cientista e racionalista, mas interessado em religião, após frequentar algumas vezes a igreja presbiteriana do Rio, como fruto de uma visão que teve em um culto dirigido por Blackford,<sup>56</sup> deixou-se batizar, sendo seguido por outros membros de sua família. Tornou-se presbítero da igreja e grande propagandista do presbiterianismo. Não obstante, sua alma mística o levou a desentendimentos com os missionários que acabaram por suspendê-lo do presbiterato e, finalmente, da comunhão da igreja. Tendo levado consigo alguns adeptos, fundaram, a 11 de setembro de 1879, a Igreja Evangélica Brasileira, que existe ainda hoje.

<sup>55</sup> VIEIRA, 1980, p. 150-152.

<sup>56</sup> LÉONARD, 2002, p. 76. David Gueiros Vieira informa que ele entrou num “transe espírita”. Cf. VIEIRA, 1980, p. 155. Blackford, escrevendo a seu comitê americano, registrou o ocorrido: “Terminado o culto, encontraram-no em seu lugar, incapaz de movimentar as mãos ou os pés e de abrir os olhos. Seu corpo não estava rígido, mas permanecera na posição na qual ele se encontrava ou em que o colocaram. Permaneceu assim aproximadamente uma meia hora e, durante esse tempo abriu os olhos apenas uma vez e por um instante somente. Entretanto, quando voltou a si sabia perfeitamente o que fora feito ou dito ao redor dele. Suas primeiras palavras foram, entre outras: ‘Agora aceito a Bíblia como a Palavra de Deus, verdadeira e inspirada em Cristo como um divino Salvador e quero professar a fé nesta Igreja Presbiteriana’. Estas verdades e outras foram firmemente afirmadas por ele: todavia durante dias ele parecia plenamente persuadido de que tinha visões e que recebia inspirações diretas, divinas ou espirituais e injunções proféticas.” Apud LÉONARD, Émile-G. *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988, p. 29-30.

Ao longo da vida, juntamente com o irmão Luiz Vieira Ferreira, continuou envolvido com questões políticas e sociais. Filiados ao Partido Republicano, lutaram pela abolição da escravatura. Miguel Vieira manteve-se um místico até o fim da vida. Entre seus seguidores, chegou-se a cogitar de que ele era a própria reencarnação de Jesus Cristo<sup>57</sup>.

### Conclusão

O estudo da presença de protestantes e da implantação das primeiras denominações evangélicas no Brasil no século XIX nos revela ações no âmbito social e político que aplainaram o caminho que possibilitou a consolidação do protestantismo em terras brasileiras.

Os casos de José Manoel da Conceição e de Miguel Vieira Ferreira chamam a atenção para um fato que seria, no futuro, um ponto de tensão no protestantismo brasileiro e motivo de várias divisões. Aliás, nisso, o protestantismo brasileiro ecoa a história do protestantismo em geral. Trata-se da tensão entre a religião discursiva e racional, de um lado, e a religião mais emocional e subjetiva, de outro. Essa tensão já aparecera no século XVI, fomentada pelos profetas de Zwickau e por alguns grupos anabatistas, sobressaindo-se a tragédia de Münster. Também está bem representada nas tendências puritanas focadas na reta doutrina e nas tendências pietistas, concentradas na experiência religiosa subjetiva. O ex-padre Conceição provinha desse ambiente religioso católico, rural, popular e místico. Esse “pastor católico” foi para o povo um santo e mártir<sup>58</sup>. O percurso de Vieira Ferreira é mais complexo. Foi do materialismo positivista para uma religião do espírito. Antes da conversão, interessou-se pelo espiritismo que aportou no Brasil em 1857, dois anos após a chegada de Kalley. Em um pequeno, mas importante livro chamado *O Iluminismo*<sup>59</sup> *num Protestantismo de Constituição Recente*, Émile Léonard indicou a inabilidade dos líderes do protestantismo de então

<sup>57</sup> Cf. LÉONARD, 1988, p. 34; Cf. também RIO, 2006, p. 136.

<sup>58</sup> Cf. SOUZA, Silas Luiz de. *José Manoel da Conceição – o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011, p. 78.

<sup>59</sup> A palavra *Iluminismo* não é empregada por Léonard no sentido habitual de supremacia da razão. Aqui, ela significa simplesmente *misticismo*.

para lidar com o desafio que representavam as manifestações de uma religiosidade mística e popular em seu seio. Os missionários americanos, cuja formação religiosa e teológica tinha raízes puritanas conservadoras, não dispunham de condições de compreender e absorver o misticismo religioso de um Conceição e de um Vieira Ferreira. Esboçavam-se aqui, pela primeira vez, as crises futuras entre protestantes históricos e pentecostais que marcariam definitivamente o mundo evangélico brasileiro.

Num próximo artigo (Parte II) pretendemos apresentar a contribuição batista e episcopal, a importante relação entre maçons e protestantes, o relevante diálogo e cooperação ecumênica travada entre os evangélicos brasileiros em fins do século XIX, o significativo papel desempenhado pela obra educacional evangélica, bem como as consequências advindas da Proclamação da República para a consolidação do protestantismo brasileiro.

### Referências

- FERREIRA, Júlio Andrade. *Galeria Evangélica* – biografia de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1952.
- \_\_\_\_\_. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil* – em comemoração ao seu primeiro centenário. Volume I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.
- KALLEY, Robert Reid. *An Account of the Recent Persecutions in Madeira, in a letter to a friend*. London: John F. Shaw, 1844.
- KIDDER, Daniel P. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil* – Rio de Janeiro e Província de São Paulo. Brasília: Senado Federal, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Norte do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- LÉONARD, E. G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente*. São Bernardo do Campo: Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1988.
- LESSA, Vicente Themudo. *Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo [1863-1903]* – subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.

- MATOS, Alderi Souza de. *Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.
- MENDONÇA, Antônio G. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pendão Real e ASTE, 1995.
- NORTON, Herman. *Record of Facts Concerning the Persecutions at Madeira in 1843 and 1846*. New York: American and Foreign Christian Union, 1857.
- REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003.
- RIBEIRO, Boanerges. *O Padre Protestante*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888) – aspectos culturais da aceitação do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.
- RIBEIRO, Domingos. *Origens do Evangelismo Brasileiro (escorço histórico)*. Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Apolo, 1937.
- RIO, João do. *As Religiões do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.
- SOUZA, Silas Luiz de. *José Manoel da Conceição – o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011.
- TAVARES BASTOS, A. C. *Cartas do Solitário*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.
- \_\_\_\_\_. *Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro – estudos brasileiros*. São Paulo, Rio, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa*. Brasília: Editora UNB, 1980.